

O MUSEU COMO INSTITUIÇÃO-MEMÓRIA

Débora de Almeida Rodrigues

RESUMO

Este artigo tem como objeto de discussão o processo de institucionalização e consolidação do Museu do Instituto Benjamin Constant. Pretende indagar sobre o seu papel na construção da memória coletiva desta comunidade. Aborda também a função dos museus enquanto articuladores da cultura material da sociedade.

ABSTRACT

This article has the purpose to discuss the process of institutionalization and consolidation of the Museum of the Benjamin Constant Institute. It intends to question about its role in the construction of the collective memory of this community. It also discusses the function of museums as articulators of the material culture of society.

Para que servem os museus no entendimento do senso comum? Acredito que responderiam: são lugares de coisas antigas e sem funcionalidade. Outros atribuem uma simbologia ligada ao sagrado. Antigos ou novos os objetos são passíveis de significado. Nesta ótica atribuímos aos objetos uma carga de valor que, por sua vez, produz imagens. Neste sentido, que função exercem os museus nas relações sociais?

Os museus, enquanto organismos de Centro de Ciências e Técnicas, se apresentam como espaços de reflexão, de experimentação e aquisição de conhecimentos.

A elaboração de um Museu não efetiva apenas o consenso social que se faz em torno de um ideal da conservação, mas também envolve diversas práticas de intercâmbios culturais. A preparação e o desenvolvimento de um Museu, cuja concepção foi decidida por uma comunidade em geral, supõe a reunião de objetos e de documentos que gera comunicação social. Fazer um Museu é fazer reviver algo. É um ato coletivo de restituição das trocas "perdidas" no momento presente.

Do ponto de vista dos princípios ideológicos defendidos pela Museologia entendo que suas ações não se limitam à conservação dos objetos, ou mesmo, à questão da exibição desses bens materiais ao público, mas, sim, aos sujeitos sociais. São os modos de agir, pensar, fazer e falar, além dos objetos e edifícios, que se tornam objetos de uma investigação museológica. Desta forma, o museu exprime uma dinâmica social de grupos que trabalham sobre suas identidades, filiação e legitimidade, utilizando a memória e o passado como "motores" de tal reflexão.

POR QUE CONSERVAR, RESTITUIR, EXPOR?

Uma política cultural se define pelas suas escolhas e empreendimentos, no entanto, se depara com uma variedade de concepções.

A idéia de que tudo pode voltar a todo momento acompanha a restituição dos lugares e a acumulação dos objetos. É uma espécie de compulsão à reapropriação de tudo que parece morto. Tratar a coisa morta como uma coisa viva, partilhável, permite uma reiteração dos traços mnésicos que se confundem com os acontecimentos presentes.

A afirmação do pensamento museológico é um fenômeno mundial que vem se diversificando nos últimos quarenta anos, em virtude de reflexões de novas práticas museológicas. Essas reflexões geraram seminários e, por consequência, documentos.

Os documentos sintetizam as expectativas e os desafios enfrentados pelos profissionais de Museus em seu cotidiano, convergindo para uma grande preocupação comum: qual o papel social dos Museus?

A publicação do ensaio "A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo", publicado pelo Comitê Brasileiro do Comitê Internacional de Museus (ICOM) e que teve por organizadores Marcelo Mattos Araújo e Maria Cristina Oliveira Bruno, no ano de 1995, tem por objetivo divulgar quatro movimentos: As conclusões do Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos Museus (Rio/1958); a Declaração de Santiago do Chile (1972), que introduz o Conceito de Museu Integral; a Declaração de Quebec (1984), que sistematizou os princípios básicos da nova Museologia e a Declaração de Caracas (1992), que pode ser interpretada como uma avaliação crítica de todo esse processo, reafirmando o Museu como um canal de comunicação. A seguir, farei um breve comentário sobre esses documentos, no sentido de buscar subsídios para a discussão sobre o campo da Museologia.

O Seminário Regional da Unesco, realizado no Rio de Janeiro no período de 7 a 30 de setembro de 1958, teve por objetivo propiciar uma reflexão em todas as regiões do mundo sobre a função que deveria cumprir o Museu como meio de comunicação dentro da sociedade.

Houve o intercâmbio de experiências entre os museus latino-americanos, suas inovações no campo da Educação, da Arquitetura, conservação e restauração de objetos, bem como a museografia. Discutiram-se todas as questões relativas aos museus, desde conservação e manutenção da coleção, até a divulgação de sua mensagem, não só por meio de exposição, como também da utilização de meios de comunicação coletiva. Debateu-se sobre o próprio conceito de museu e as consequências de suas funções de conservação, estudo e exposição.

Entre as conclusões apontadas, recomendava-se que o museu deve difundir-se não somente através de programas didáticos dirigidos à Educação formal, como também utilizar-se de outros meios ao seu alcance como o rádio, o cinema e a televisão, a fim de atingir camadas mais amplas da população.

O objeto é a "carne" do museu e todos os recursos que reforcem a relação sujeito e objeto devem ser utilizados de forma harmoniosa.

Mais do que nunca, a função educativa do museu, defendida por este seminário, precisa ser enriquecida com sua faceta informativa suficientemente atrativa para competir com outros meios que estão inseridos na sociedade.

Na Mesa-Redonda de Santiago do Chile¹¹, ocorrida em 1972, discutiu-se o papel dos museus na América Latina, analisando-se os problemas do meio rural, urbano, do desenvolvimento técnico-científico e da Educação permanente, tomando consciência da importância dessas propostas para o futuro da sociedade na América Latina. Essa tomada de consciência é vista como a condição essencial para a integração do museu na sociedade.

Um dos mais importantes resultados a que chegou a Mesa-Redonda foi a definição e proposição de um novo conceito de ação dos museus, o Museu Integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio natural e cultural.

Realizado em outubro de 1984, em Quebec, o Seminário Regional Unesco teve como meta afirmar a função social do museu e o caráter global de suas intervenções. Ao mesmo tempo que preserva os frutos materiais dos grupos, a nova Museologia (Museologia Comunitária) interessa-se, em primeiro lugar, pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução, ao mesmo tempo em que as associa aos projetos do futuro. Concluindo, este movimento torna-se de certa forma um dos meios possíveis de aproximação entre os povos, do seu conhecimento próprio e mútuo, do seu desenvolvimento crítico e do seu desejo de criação.

O museu deseja, assim, manifestar-se de uma forma global, tendo preocupação de ordem científica, cultural, social e econômica. Utiliza todos os recursos da Museografia (coleta, conservação, difusão etc.) transformando-os em instrumentos adaptados a cada meio e atendendo a projetos específicos.

A Declaração de Caracas, fruto do Seminário de Estudos Museológicos, realizado no período de 16 de janeiro a 6 de fevereiro de 1992, teve como finalidade fazer um balanço da situação dos museus na América Latina. Estudou-se o perfil das mudanças político-sociais, econômicas e tecnológicas ocorridas na América Latina nos últimos 20 anos e a transformação conceitual e operacional ocorrida nas instituições museológicas. Efetuou-se a releitura do documento de Santiago e sua atualização.

Os museus tendem a se situar e descobrir o seu espaço no território social em que estão inseridos. O monólogo transforma-se em um diálogo. A função pedagógica, afirmada no Seminário promovido pela Unesco em 1958, transforma-se em missão comprometida não mais com a sociedade em termos vagos, mas com a sociedade em que estão inseridos. Considero a

classificação da função do museu não mais como um papel a ser desempenhado, mas sim como uma ação completa, comprometida com os acontecimentos das realidades locais, envolvidas nas mesmas, como instrumentos de desenvolvimento. Em outras palavras, há a transformação do Museu Integral em museu integrado à vida de uma comunidade. Essa é a idéia central das discussões em torno do Museu e da Museologia, realizadas nos eventos mencionados. Ao refletir, sobre o processo de institucionalização do Museu do Instituto Benjamin Constant, tais idéias serão consideradas no âmbito das discussões.

A Museologia sustenta o discurso de que o mais importante a ser preservado é a informação, ou seja, o elemento não tangível, que dá sentido à preservação.

150 ANOS DO IBC E A INSTITU-CIONALIZAÇÃO DE UM MUSEU: QUAL MUSEU?

O museu é definido pelo Comitê Internacional de Museus² como uma Instituição permanente que adquire, estuda, preserva e expõe, para fins de educação, evidências materiais do homem, como construtor de valores individuais e coletivos no conjunto das sociedades.

Esta definição, na realidade, não mais abarca todo sentido que hoje a palavra Museu possui. O museólogo Rangel (2000) discute tal conceito, cuja noção de significados para além das visões tradicionais limitadas a quatro paredes vem sendo amplamente discutida pelos profissionais da área museológica que precisam se adequar às transformações da sociedade onde estão inseridos. Se não fosse assim, como definiríamos o museu comunitário, o museu de vizinhança e o ecomuseu? Como definir os chamados museus virtuais? Percebo que a própria noção de museu vem sendo afetada pelo novo, assim como o próprio entendimento do que vem a ser uma instituição.

No mundo moderno, os museus são instituições que colecionam, salvam e preservam aquilo que foi lançado aos "estragos" da modernização. No entanto, o passado se constrói à luz do discurso do presente. Para Huyssen (1997), no mundo moderno nada escapa à lógica da musealização. Neste sentido, os museus parecem funcionar como "pontes" que permitem uma negociação e articulação entre o passado e o presente.

A comunidade do Instituto Benjamin Constant (IBC) há décadas vem reunindo evidências materiais e fragmentos da memória deste. O grupo elegeu um espaço de memória, que tem por finalidade manter a coesão destes indivíduos. Pode este espaço ser considerado um museu?

Os objetos ali expostos contam a trajetória do Instituto Benjamin Constant e, discutem, ao mesmo tempo, as conquistas dos deficientes visuais ao longo do tempo. Indiscutivelmente este espaço é um museu.

O estudo realizado por Rodrigues (2005) teve por objetivo central discutir o processo de institucionalização e consolidação do Museu do IBC, tendo, como ferramenta metodológica a História Oral³ temática. Na qualidade de ex-aluna tem sido gratificante poder estar de alguma forma contribuindo para um trabalho técnico-científico desta natureza. Como

museóloga, algumas particularidades são dignas de reflexão: este museu é restrito ao Instituto Benjamin Constant por consolidar-se como um elemento de coesão da memória coletiva desta comunidade? Até que ponto, nestas condições, está este museu exercendo as funções que são pertinentes à instituições museológicas?

A história que está em discussão neste museu não é só a minha, ou a do meu colega, ou de alguém que me antecedeu. É a história de todos aqueles ligados à Educação de pessoas cegas ou de baixa visão. São as lembranças coletivas que se fazem presentes, utilizando-se como referências os artefatos materiais que compõem a memória desta comunidade. Venho tendo a oportunidade de, através de visitas guiadas com turmas de alunos acompanhadas por seus professores, torná-lo mais próximo de seus agentes sociais, ou seja, do público a que se destina a atender. O museu precisa estar integrado à realidade da comunidade onde se encontra inserido. São as necessidades de sua comunidade que irão nortear todas as atividades desta Instituição que vão desde a aquisição de acervos à exposição dos bens culturais.

O QUE DIZER DESSE MUSEU?

De uma forma resumida, posso dizer que esse Museu possui um acervo constituído de 386 bens materiais que se apresentam como fragmentos da memória coletiva desta comunidade, discriminados da seguinte forma: um acervo de documentos escritos de livros de matrículas dos alunos deste Instituto, acervo de 200 fotografias do mesmo, mobiliário do séc. XIX, constituído por dois dunquerque e seis cadeiras de madeira entalhadas, tendo sido uma delas para uso do Imperador D. Pedro II e outra, da Imperatriz Thereza Chistina. A Instituição preserva ainda a mesa que pertenceu à Benjamin Constant Botelho de Magalhães, patrono deste Instituto e busto em mármore de José Francisco Xavier Sigaud, primeiro Diretor do IBC. Há quatro telas à óleo de: Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Ministro no período Imperial que muito se empenhou na questão orçamentária necessária à instalação do IBC; Pedro II, Imperador que acreditou na educação do cego e na sua profissionalização; Cláudio Luiz da Costa, 2º Diretor e Benjamin Constant Botelho de Magalhães, diretor por 20 anos. Merece menção ainda, a evolução dos materiais tiflotécnicos que compõem esse acervo, classificados em materiais para a escrita Braille, máquinas datilográficas Braille de várias épocas e procedências, além de diversos tipos de regletes manuais. Há materiais para o aprendizado da matemática, desde as chapas de aço até o uso do atual sorobã. O Museu mantém sob sua guarda dois exemplares das primeiras máquinas tipográficas importadas da Alemanha para a produção dos primeiros livros em Braille no país. Trata-se de um museu tiflológico porque se propõe a preservar, através dos artefatos materiais, a memória dos deficientes visuais em relação a sua profissionalização. No entanto, este acervo também nos "fala" do Brasil ao ressaltarmos as conquistas deste grupo, sobretudo no que diz respeito à evolução dos materiais tiflotécnicos inerentes a sua educação formal, discutindo, também, o processo de industrialização brasileiro.

Qual será a identidade desse museu? Acredito que seja congregar elementos que discutam a história da primeira Instituição para a educação

de cegos na América Latina. Torna-se importante, conjuntamente, explorar o acervo em questão, considerando suas características e sobretudo as necessidades sensoriais de seus agentes. Às vezes pode parecer segregador pensarmos neste museu para a comunidade do Instituto Benjamin Constant, configurando-se num museu tiflológico. No entanto, nada mais natural que a Instituição que o abriga busque os meios que viabilizem atender prioritariamente às necessidades de seu público, o que não quer dizer que este Museu se limite ao Instituto e que os videntes estejam excluídos. Penso ainda, que embora esse Museu, ideologicamente pensado para preservar a memória desta comunidade, não deverá se limitar a esse público, tendo em vista o compromisso social assumido por esse Instituto há 150 anos. Este Museu poderá se constituir, no futuro próximo, como um veículo de comunicação dessa comunidade, dentro da ótica da inclusão, permitindo, dentre outros aspectos, uma discussão ampla que viabilize maior acesso de portadores de necessidades especiais a outros museus e bens culturais dessa natureza. Paralelamente, há a tendência mundial de virtualização de museus, há inclusive museus que só existem no plano virtual. E, dentro deste contexto, esse Museu não ficará fora desta tendência mundial de expansão do conhecimento que consiste no clímax da ação museológica. Em última análise este Museu é uma espécie de célula-mãe, divulgando conhecimento através da preservação da memória coletiva da comunidade do IBC. No meu entendimento, assume uma importância muito grande no contexto da inclusão dos portadores de necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino, hoje amplamente discutida pelas instituições educacionais.

1 As mesas-redondas, seminários regionais, assumem o nome do local onde são realizados.

2 Definição encontrada em diferentes publicações do Comitê Internacional de Museus.

3 História Oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação colhida por meio de entrevistas de diferentes formas; ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Busca-se uma convergência de relatos sobre o mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARJONA, M. *Patrimonio cultural y identidad*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1986.

BARBUY, H. A Cultura e o patrimônio cultural nos textos constitucionais brasileiros. *Revista de Museologia*, 1 (1), p. 24-27, 1989.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e História da cultura*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOSI, V. Participação e pesquisa na preservação do patrimônio cultural. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 22, p. 138-144, 1987.

- BRASIL. Ministério da Cultura.** *Caderno de ensaios - estudo de Museologia.* Rio de Janeiro: IPHAN, 1994.
- CASTRO, R. S.** *O Estado na preservação de bens culturais.* Rio de Janeiro: Renovar, 1981.
- COSTA, Icléia T.** *Memória Institucional do IBGE: Um estudo exploratório-metodológico.* Dissertação apresentada ao Curso de Ciência da Informação da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- _____. *Memória Institucional e Representação: Da árvore ao Rizoma In: Memória, Representações e Relações Internacionais na América Latina.* Rio de Janeiro: Intercom NUSEG, 1998.
- COSTA, M. L. A** Defesa do patrimônio cultural móvel. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 22, p. 145-153, 1987.
- CRAPANZANO, Vincent.** *Hermes Dilemma: The Making of Subversion in Ethnographic Description.* JANES CLIFFORD and GEORGE E. MARCUS (Orgs.) *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography.* Berkeley, Los Angeles, London. University of California Press, 1986.
- DESVALLÉES, A.** *A Museologia e os museus: mudanças de conceito.* Rio de Janeiro: SPAHN - Pró-Memória, Cadernos Museológicos nº 1, 1989.
- FENTRESS, J., WICKAM, C.** *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado.* Lisboa: Teorema, 1992.
- HALBWACKS, M.** *A Memória coletiva.* São Paulo: Vértica, 1990.
- HUYSSSEN, Andrea.** *Memórias do Modernismo.* Rio de Janeiro, UFRJ, 1997
- JUNDY, P.** *Memória do Social.* Ed. Ensaio e Teoria. Lisboa: 1990.
- RANGEL, P. M.** *A Formação do Acervo do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro.* Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Memória Social e Documento. Rio de Janeiro: Uni-Rio, 2000.
- RODRIGUES, D.A.** *Tocar, perceber, Conhecer: Memória e Identidade coletiva no Museu do Instituto Benjamin Constant.* Dissertação de mestrado Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio) 2005.
- SHREINER, K.** *Um resumo para a Museologia e seus aspectos multidisciplinares.* Muwop, 1980.

Debora de Almeida Rodrigues é Museóloga e Mestre em Memória Social e Documento pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Uni-Rio)